



**É possível trabalhar as atividades circenses nas aulas de
Educação Física?
Um relato de experiência.**

Nome do aluno: Amanda Braz Chevitarese

Nome do orientador: Rubens Antonio Gurgel Vieira

LAVRAS – MG

2023

AMANDA BRAZ CHEVITARESE

**É possível trabalhar as atividades circenses nas aulas de
Educação Física?
Um relato de experiência.**

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado à Universidade Federal
de Lavras, como parte das
exigências para a obtenção do título
de Licenciado em Educação Física.

Lavras, 23 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Rubens Antonio Gurgel Vieira
Afiliações

Prof. Gilson Rodrigues Santos
Afiliações

Prof. (Nome do professor avaliador)
Afiliações

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, que desde o dia que decidi cursar Educação Física me deram total apoio e não mediram esforços, como sempre, para me ver feliz.

E a minha companheira de curso, Maria Eduarda, que está comigo desde o dia que saiu o resultado do ENEM, sem você, esses 4 anos teriam sido muito mais difíceis.

Eu amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a minha família em Lavras, Obrigada Poucas&Boas por todo amor e cuidado nesses anos, por me fazerem sentir que estava em casa e que teria sempre com quem contar nos melhores e piores dias. Por me presentear com amizades que levarei para o resto da minha vida, por me mostrar um amor que só quem vive esse mundo republicano consegue entender e sentir. Obrigada por me ensinarem a ser uma pessoa muito melhor. Senai ama vocês e vai sentir saudades todos os dias da casa cheia e os almoços caóticos de risadas, fofocas, choros e MUITO amor.

Agradeço demais ao meu namorado, por toda força, incentivo e principalmente, por ser minha paz nos momentos mais difíceis, mesmo com toda a distância. Por escutar todas as minhas reclamações e choros, por me fazer rir como ninguém com piadinhas idiotas e falar que eu conseguiria. Obrigada mozi, te amo!

Aos meus amigos de curso, MUITO obrigada. Tudo se tornou mais leve e divertido. E eu sou feliz de ter vivido essa fase da vida ao lado de vocês e não, eu não vou sumir, vocês vão ter sempre uma casinha perto da praia para visitarem.

Obrigada, professores, por todos os ensinamentos, vocês vão sempre ser lembrados por mim. Vocês contribuíram para muito além da minha vida profissional.

E por fim, um agradecimento especial a Daniel, Jessyca e Leonardo. Que acompanharam de perto o processo para que esse trabalho acontecesse. Vocês são incríveis, gratidão por ter tido essa experiência única ao lado de vocês.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo apresentar que é possível trabalhar as atividades circenses nas aulas de Educação Física. Por meio de uma pesquisa-ação no Colégio Tiradentes, contou com a participação de 49 alunos e um preceptor, além de toda a bibliografia que foi necessária durante todo o estudo. O resultado da participação, interesse e empenho dos alunos nas aulas evidenciam a importância de trazer o mundo do circo e toda a sua cultura e linguagem corporal única, como conteúdo das aulas de EF. Entretanto, não é algo fácil, o universo circense ainda carece de muitos estudos quando relacionado a escola, além de outros fatores que podem prejudicar o docente a elaborar e ministrar suas aulas. Dessarte, será apresentado como ocorreu todo o processo para tornar essa temática presente nas aulas, desde a elaboração do planejamento até as práticas, evidenciando todos os pontos positivos e negativos das aulas. Expondo que mesmo com as dificuldades, o circo pode e deve ser uma realidade nas escolas.

Palavras-chave: Circo; Educação Física; Escola

*“Desde pequeno
Falam que eu sou curioso
Quem me viu, quem me vê
Fala que eu nunca cresci*

*Não tenho medo de errar
Só medo de desistir
Mas tenho 20 e poucos anos
E não vou parar aqui*

*Quem te ensinou a sonhar?
Quem te ensinou a sonhar?*

*Eu sou o sol da meia-noite
E a lua cheia de manhã
Mas me visto de mim mesmo
Da cabeça aos pés”*

Lagum.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. QUADRO TEÓRICO	8
1.1. Infância	8
1.2. Circo	10
2. METODOLOGIA DA PESQUISA	13
3. O CIRCO VAI COMEÇAR!	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39

INTRODUÇÃO

Quando falam em Educação Física, qual o primeiro pensamento/imagem que vem em sua cabeça? Creio que você associou a uma quadra, algum esporte, crianças correndo... será que em algum momento pensaria em atividades circenses? Será que é possível trabalhar atividades circenses nas aulas de Educação Física?

O seguinte trabalho possui como objetivo expor as possibilidades de se trabalhar o circo dentro das escolas. A pedagogia circense na Educação Física possui um método criativo para explorar o corpo e o movimento, associando a descoberta de capacidades e habilidades físicas com a expressão artística (Tucunduva; Bortoleto, 2019). Por conseguinte, promove benefícios para a cultura corporal dos alunos, desperta diferentes sentimentos (alegria, liberdade, superação) e formas de praticar atividades físicas, de profissionalização e até mesmo, outro modo de vida.

Diante dos relatos de como foi o projeto correlacionadas com as bibliografias, os pontos positivos e negativos de cada aula ministrada, a forma como foram organizadas, as atividades que deram mais certo, entre outras informações, podem ser úteis e construtivas para profissionais da área que possuem interesse em levar esse conteúdo para seus alunos, mas não sabem como e qual caminho deve seguir para começar. A busca por conhecimentos novos e sólidos através da pesquisa é essencial para o ensino do circo, para contribuir com reflexões além da dimensão físico-motora (Bortoleto, 2011).

A prática do circo nas escolas é algo muito mais fácil de desenvolver do que parece. A multiplicidade que as atividades circenses possuem nos permite, profissionais da área, desenvolver inúmeras atividades com os alunos. Claro, não na mesma especificidade de um espetáculo, pois nosso intuito nas aulas não é a formação de artistas, mas sim uma oportunidade de vivência, de experiência, de descoberta de novas formas de expressão e de conhecimento, orientado na linguagem artística circense (Bortoleto; Pinheiro; Prodócimo; 2011).

Com a facilidade ao acesso de conhecimento que o mundo disponibiliza nos dias atuais e os crescentes estudos sobre o circo, com pesquisa e boa vontade, as

atividades circenses na escola, com suas potencialidades expressivas e criativas, seus aspectos lúdicos e em nível de exigência elementar (Duprat; Bortoleto, 2007), como forma de conteúdo da educação física pode se tornar realidade. Outrossim, a infraestrutura da escola, conhecimento prévio dos alunos sobre o conteúdo, conhecimento do professor e a segurança das atividades propostas devem ser observadas, para que a atuação docente não seja prejudicada (Bortoleto; Machado, 2003).

1. QUADRO TEÓRICO

1.1. Infância

Falar sobre infância é algo muito mais complexo do que se imagina, a dimensão que esse tema possui é indescritível e acompanha a nossa sociedade há anos. Apesar de na sociedade sempre existir a presença das crianças, elas não eram consideradas sujeitos particulares, com suas próprias características. Logo, a infância durante muitos séculos da nossa história, não era vista, pois as crianças não eram consideradas uma categoria social de estatuto próprio (Milton; Moreira; Canhoto, 2014).

A infância como construtora social que conhecemos hoje, com um conjunto de crenças, representações sociais e estruturada com artifícios de controle e socialização para as crianças, já reconhecida como uma categoria social própria existe somente desde os séculos XVII e XVIII (Sarmiento Pinto, 1997).

A fundação da escola pública, principalmente como escola de massas, foi uma das instâncias decisivas para a institucionalização da infância. Visto que ela é de extrema importância para a sua construção social (Pinto; Sarmiento, 1997), por meio do seu foco na prestação de cuidados, proteção e estímulos ao desenvolvimento da criança. Onde os mesmos se tornam objeto de conhecimento e alvo de um conjunto de ações (Sarmiento, 2004).

Apesar desse conceito de socialização das crianças ser recente, remete a uma realidade muito antiga nas sociedades humanas (Pinto; Sarmiento, 1997). Visto que as crianças passavam por um processo precoce de aprendizagem para adquirirem capacidade de trabalho, participação na guerra ou de reprodução para assim, serem considerados membros da sociedade (Sarmiento, 2004). Porém não havia preocupações além de torná-las serem “produtivas” para a sociedade, o que diferencia do processo que ocorre na atualidade. No qual o indivíduo passa pelo processo de aprender, elaborar e assumir valores e normas da sociedade em que vive em constante interação (Pinto; Sarmiento, 1997).

Além da criação da escola, os núcleos familiares em relação aos cuidados com os filhos sofreram mudanças, foram criadas disciplinas e saberes periciais sobre a infância e sua administração simbólica. Ao final do século XX, todos esses

efeitos foram potencializados, surgindo assim, uma infância global (Sarmiento, 2004). Essa infância padrão entende a diferença da relação da criança para o adulto, baseando-se na criança de forma biopsicológica, sem considerar as questões sociais e a sua diversidade de vida (Milton; Moreira; Canhoto, 2014). Entretanto, deve-se considerar que dentro da infância global, existem as culturas das infâncias. Pois a infância não pode e não deve ser considerada uma categoria homogênea, universal e natural. (Pinto; Sarmiento, 1997).

De acordo com Sarmiento (2003), as culturas da infância são constituídas historicamente e vivem em constante alteração, devido ao processo histórico das condições sociais em que as crianças vivem e interagem, entre si e com os outros. Ademais, são fortemente influenciadas pelas culturas societárias estabelecidas nas desigualdades de classe, de gênero, de etnia, costumes e valores.

A infância é um processo visto muitas vezes como a fase que a crianças passa para “aprender” a ser adulto, mas deve-se lembrar de que ela é um ser humano no presente e sua vida não deve ser limitada ao que vai se tornar no futuro. Ela deve ser compreendida em seu processo de socialização como um ser ativo, a partir de si mesma, que faz história e também produz cultura (Milton; Moreira; Canhoto, 2014).

O que deve ser valorizado quando se fala sobre infância e o potencial que as crianças possuem, muitas questões são levantadas e discutidas. Deve-se ser valorizada a essência da criança, seu ser cheio de competências e capacidades ou enfatizar o que lhes falta para o que podem vir a ser; a necessidade da iniciação ao mundo adulto ou protegê-los desse mundo (Pinto; Sarmiento, 1997). Ao mesmo tempo em que as culturas da infância manifestam a cultura societal, possuem formas próprias infantis de inteligibilidade, expressão e interpretação do mundo (Sarmiento 2004). “As culturas infantis não nascem no universo simbólico exclusivo da infância, este universo não é fechado — pelo contrário, é, mais do qualquer outro, extremamente permeável — nem lhes é alheia a reflexividade social global” (Sarmiento; Pinto, 1997, p. 22).

As escolas se encontram em uma luta decisiva política-pedagógica, por usar da atividade educativa um instrumento do devir social (Sarmiento, 2004). “A infância representa o ponto de partida e o ponto de chegada da pedagogia” (Narodowski, 1993, p. 63). Se desejamos mudanças e transformações sociais, a melhor forma é investir na educação da infância. Visto que as crianças são uma possibilidade e

potencialidade de tudo que são e devem ser (Kohan, 2003). A infância é o passaporte para você se inserir no mundo futuramente, e a forma como você vai agir e se portar, depende dos anos de sua infância (Narodowski, 1993).

Apesar de todas as diferenças existentes entre as culturas das infâncias, não podemos esquecer que sempre estamos falando de crianças e elas não podem ter a sua identidade reduzida ou simplificada ao mundo dos adultos. Elas são leveza, renovação e esperança de que tudo é possível, mesmo com o peso da sociedade que são impostas a elas (Sarmiento, 2004).

“O lugar da criança é, em suma, o lugar das culturas da infância. Mas esse lugar das culturas é continuamente reestruturado pelas condições estruturais que definem as gerações em cada momento histórico concreto” (Sarmiento, 2004, p, 18).

1.2. Circo

O circo está se tornando cada vez mais presente nos diferentes espaços da sociedade, vem sendo redescoberto e cada vez mais valorizado. Sua arte é um conhecimento presente na sociedade há décadas, apesar de por um longo tempo ter sido marginalizado, restrito, enigmático, porém, sempre extraordinário e admirado (Duprat; Bortoleto, 2007). Nossa intenção não é abordar a historicidade do circo, mesmo que seja de extrema importância, não é o foco deste estudo. Então será exposto somente pontos chaves que acredito serem importantes para a contextualização da pesquisa.

Os primeiros registros de famílias circenses no Brasil ocorreram em 1830 e esses grupos familiares se denominavam de “circo dos tradicionais”. Ser tradicional era fazer o circo de uma forma particular; ter como base de sustentação uma organização familiar com um complexo modo de administração, transmissão de conhecimentos e produção do espetáculo circense. A linguagem circense e o lugar onde o espetáculo era realizado, sob a lona, na rua ou nos teatros, se tornou um espaço de produção e divulgação da cultura artísticas (Bortoleto, 2008).

A relação cultural, coletiva e familiar eram a base de sustentação e transmissão dos saberes. Não era ensinado somente o seu número do espetáculo, e sim, todos os aspectos que envolviam o circo e sua manutenção. Era necessário receber os conhecimentos e práticas e saber como transmiti-los, de forma oral,

assim resgatando e mantendo os saberes circenses dos seus antepassados, como um ritual de aprendizagem total. (Bortoleto, 2008)

Durante o século XIX, os picadeiros (palcos circenses) eram considerados um dos principais espaços de exibição da maior parte dos artistas. Com a chegada das inovações tecnológicas-eletricidade, no final do século XIX, os circos perdem visibilidade para as novas indústrias de produção cultural, entre elas, a do cinema e a do disco (Bortoleto; Silva, 2017). Diante disso, dificuldades financeiras começaram a surgir para manter os circos em funcionamento. Além do crescimento imobiliário das cidades que ocorreu de forma muito rápida, ocupando os terrenos onde os circos eram montados (Bortoleto, 2008).

Ademais, em concomitância com as dificuldades abordadas acima, alguns circenses passaram a acreditar que não possuíam saberes suficientes para garantir um futuro “melhor” para seus filhos, “somente” como artistas circenses. Devido uma valorização social do discurso da cientificidade, no qual somente os conhecimentos ali produzidos são reconhecidos, por possuir método de ensino e pesquisa, desqualificando os grupos sociais que utilizavam a transmissão oral dos saberes para a formação de seus membros (Bortoleto, 2008).

Diante dos acontecimentos, começou a fazer sentido para alguns grupos familiares itinerantes se fixarem em uma cidade, nesse início a maioria optou pelo Rio de Janeiro e São Paulo (Bortoleto; Silva, 2017). Logo, a tradição familiar não seria suficiente para garantir a propagação da arte circense e uma escola de circo seria a melhor opção para que os pequenos núcleos familiares pudessem manter viva a grande família circense (Costa, 1999). Assim, surgiram as primeiras escolas de circo no Brasil, das próprias mãos das famílias tradicionais circenses (Bortoleto; Silva, 2017). Mesmo que um dos principais objetivos fosse dar continuidade aos ensinamentos do circo para os filhos de circenses (Bortoleto, 2008), o ensino foi democratizado e ampliou, de forma exponencial, suas possibilidades de expressão artística para um maior número de interessados. Uma tendência que rapidamente se propagou e em poucas décadas formou uma nova geração de artistas, com um valor artístico riquíssimo (Costa, 1999; Duprat; Bortoleto, 2007).

Os “tradicionais” foram os primeiros professores das escolas de circo e foi necessário que reinventaram sua forma de ensinar já que os alunos e o processo pedagógico não eram mais os mesmos que instituiu o circo-família (Bortoleto; Silva, 2017). Passaram por diversas fases de adaptações ao novo modo de trabalho, com

uma organização administrativa totalmente diferente (Bortoleto, 2008). Após séculos de uma tradição de uma educação artística exclusiva entre os grupos familiares, os processos de aprendizagem e formação são transformados em uma escola única e permanente, misturando e expandindo os saberes, conhecimentos e valores acerca do circo (Bortoleto; Silva, 2017).

Com a democratização desses saberes, ocorreu a multiplicação das escolas de circo para além do uso profissional. A multidisciplinaridade da criação do circo de coisas novas e diferentes atrai inúmeras pessoas, que hoje, podem aprender e praticar essa arte como forma de lazer-recreação, com fins sociais e educativos. E diante desse novo circo, os pensadores do corpo começaram a ver a grande contribuição que esses saberes teriam para a cultura corporal, como componente curricular na área da educação, em especial, na Educação Física (Duprat; Bortoleto, 2007).

A justificativa da inclusão desses saberes no universo educativo se dá diante a importância que o circo possui na cultura Brasileira, como forma de cultura corporal e linguística e a escola é um dos principais meios de transmissão e produção cultural (Coletivo de Autores, 1992). E como conteúdo do licenciado em Educação Física, dado que a socialização de todo o conhecimento, tanto popular como erudita, universalmente produzido pela cultura corporal é de sua responsabilidade (Gallardo, 2003).

O circo pode ser visto como um novo fôlego para a pedagogia das práticas corporais, com seu grande potencial pedagógico (Bortoleto, 2011). Com sua riqueza em oportunidades de experiências, vivência e descoberta de novas possibilidades de expressão, conhecimento do corpo e das emoções, contribuindo para o lúdico, motor e educativo das aulas e formação dos alunos. Ambas as informações acima sobre a inserção do circo no meio educativo devem andar juntas, para que as atividades circenses não sejam realizadas só pelo fazer, e sim, por todo o conhecimento contextual que oferecem (Bortoleto; Pinheiro; Prodócimo, 2011).

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa a seguir surgiu de uma proposta realizada no Programa de Residência Pedagógica (PRP) da Educação Física, da UFLA (Faculdade Federal de Lavras). A PRP é executada no âmbito da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), visando intensificar a formação prática dos discentes em Educação Física, e promovendo a integração entre a educação básica e a educação superior. Por meio da imersão do licenciando na escola de educação básica, supervisionado por um preceptor (professor responsável pelo discente).

A proposta feita no PRP desse período (2023/2) foi de trabalhar o circo no planejamento das aulas. O projeto foi desenvolvido no Colégio Tiradentes da Polícia Militar (CTPM), na cidade de Lavras/MG. Contou com a participação de um professor preceptor e duas turmas do 4º ano, totalizando 49 crianças.

Esse estudo se caracteriza como pesquisa qualitativa, com caráter exploratório. Já que se ocupa com a realidade social, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, dos valores e das atitudes (Minayo, 2009). Com o objetivo principal de aprimorar as ideias das atividades circenses como conteúdo nas aulas de educação física, construir hipóteses de como tornar isso realidade e familiarizar outros profissionais com essa temática (Gil, 2002).

Quanto ao procedimento técnico assumido para a investigação foi a pesquisa-ação. Na qual pode ser definida, de acordo com Thiollent (1985), um tipo de pesquisa com base empírica, no qual é concebida e realizada em associação com uma ação. No âmbito educacional, pode ser vista como uma estratégia para o desenvolvimento dos professores e pesquisadores para aprimorarem seu ensino. Visto que necessita da oscilação sistemática entre agir no campo prático e a investigação/pesquisa sobre o que está sendo trabalhado (Tripp, 2005).

Para que pudéssemos colocar em prática o projeto, foi necessária uma pesquisa sobre o circo de forma geral, sua história, quais modalidades englobava, sua pedagogia. Para entendermos de fato com o que iríamos trabalhar e como adaptar esse mundo circense para a escola. Após esses estudos, foi realizada uma reunião com o professor preceptor, para alinharmos o planejamento das aulas do projeto, de acordo com o que havíamos pesquisado, dentro dos limites da escola e com segurança.

Com o planejamento das aulas pronto, foi possível iniciar a parte prática. No primeiro contato com os alunos, foi explicado como seria o projeto, o seu objetivo, o que seria trabalhado e qual seria a parte deles. Com todas as informações claras, foi realizado o convite para fazerem parte desta pesquisa, onde todos aceitaram e se mostraram muito empolgados. Como as aulas são ministradas no respectivo horário normal de aulas dos alunos e a escola já possui um convênio com o Programa de Residência, não foi necessária autorização dos responsáveis.

Na pesquisa-ação não existe um manual de como deve ocorrer à coleta de dados, o tipo de processo que se utiliza e como ele é utilizado depende dos objetivos e circunstâncias (Tripp, 2005). Dito isso, às coletas de dados foram realizadas através de bibliografias, como suporte para o planejamento geral do projeto e de cada aula e suas especificidades, para mudanças pedagógicas e adaptações das atividades circenses. Ademais, foi utilizado também a observação durante as aulas, conversas no início e ao final de cada aula com os alunos, 2 avaliações diagnósticas e conversas com o preceptor acerca das aulas ministradas.

Ao final de cada aula era realizada uma conversa breve com o preceptor dos pontos negativos e positivos das aulas, o que precisamos repensar para as próximas aulas ou manter. Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo na realidade dos fatos observados, intervindo de forma consciente no planejamento inicial. E os participantes são essenciais nessas mudanças, pois participam de forma ativa no desenvolvimento da pesquisa (Thiollent, 1985).

Todos os dados obtidos durante as aulas ministradas foram organizados em relatos associados a bibliografias, dando uma atenção cuidadosa a comentários e a espontaneidade dos alunos diante as vivências. Já as avaliações diagnósticas foram realizadas em dois momentos e com objetivos diferentes; a primeira foi realizada no final da segunda aula com intuito de avaliar o que os alunos esperavam das próximas; já a segunda, aconteceu na última aula, para saber o que mais fez sentido e se identificaram.

Com todos os relatos escritos, avaliações diagnósticas analisadas e associadas a bibliografia, é possível ter uma visão geral dos planejamentos e atividades que deram certo e podem ser reproduzidas e até mesmo melhoradas; pontos negativos que outros profissionais não devem fazer; propostas que surgiram a partir dos participantes, mas não foi possível realizar; saber como as aulas atingiram os alunos e os benefícios que as atividades circenses proporcionaram.

Dessarte, afirmando que é possível o circo como conteúdo da Educação Física, mediante adaptações a realidade da escola, pesquisa e empenho.

3. O CIRCO VAI COMEÇAR!

A ideia dessa pesquisa, como já mencionado, surgiu da proposta feita no Projeto de Residência Pedagógica (PRP), de trabalhar o Circo como tematização do nosso planejamento nas aulas de Educação Física (EF). É um tema que vem ganhando visibilidade a mais de três décadas e está gradativamente mais consistente na literatura brasileira (Rodrigues; Melo; Mazzeu; Bortoleto, 2021) e pode servir de estímulo para novas reflexões e interações com os principais objetivos da EF (Bortoleto, 2019). Como nossa responsabilidade, profissionais da área, devemos flexibilizar, problematizar e contextualizar a cultura corporal junto com nossos alunos (Bortoleto, 2008). Dentro da Educação Física existem três formas de aplicabilidade dos conteúdos, a vivência, a prática e o treinamento. Mas quando se trata de escola, só trabalhamos com as duas primeiras (Pérez; Gallardo, 2003), já que nossa intenção não é a formação de artistas, e sim, proporcionar para as crianças a experimentação das diversas descobertas de expressão corporal e de saberes que a linguagem artística circense detêm (Bortoleto; Pinheiro; Prodócimo, 2011).

A intenção do projeto PRP é que nós, alunos, tenham a oportunidade de elaborar e ministrar as aulas, com a supervisão de um preceptor. Dito isso, logo após o tema ter sido exposto, realizamos uma breve reunião para alinhar o que seria feito e o que sabíamos sobre o Circo. Como essa temática ainda está recente no universo da EF escolar, não é algo que possuímos muita bagagem, por não existir matérias específicas na faculdade que nos deem base. Mesmo sendo um campo que pode ser muito promissor para a EF, é evidente a sua invisibilidade no âmbito de graduação e pós-graduação na área (Ribeiro; Cardani; Rodrigues; Bortoleto, 2017). Dessa forma, esses saberes estão atrelados a decisão e interesse pessoal dos professores a busca por esses conhecimentos (Bortoleto, 2020). Portanto, deixamos marcado uma reunião na semana seguinte, para que nesse tempo pudessemos estudar sobre o tema e assim ter base para construir um planejamento.

No dia que realizamos a reunião, de acordo com o que havíamos estudado na bibliografia, fizemos um planejamento do que seria trabalhado nas aulas, de acordo com uma classificação das atividades circenses em relação às suas ações motoras gerais, que seriam: acrobacia, manipulação, equilíbrio e encenação (Duprat, 2004).

E dentro dessas modalidades gerais possuem inúmeras opções de atividades e propostas para se desenvolver com os alunos, para selecionar quais iremos escolher para nossa atuação docente ser a melhor possível, foi necessário nos atentarmos a infraestrutura da escola, a condição prévia dos alunos, o que estamos seguros em relação ao contexto prático e cultural para passar e a segurança das atividades (Bortoleto; Machado, 2003).

Após muita conversa, fizemos o planejamento para 12 aulas, o resultado foi o seguinte:

- 1° aula - Apresentar o projeto, conhecer os alunos e o que sabem sobre o circo.
- 2° aula - Introdução do contexto geral do circo e malabares
- 3° aula - Jogos com malabares
- 4° aula - Construção e uso do Diabolo
- 5° aula - Introdução ao equilíbrio
- 6° aula - Jogos de equilíbrio
- 7° aula - Oficina de perna de pau
- 8° aula - Slackline
- 9° aula - Construção e uso perna de pau
- 10° aula - Introdução a acrobacia
- 11° aula - Oficina de lira
- 12° aula - Palhaçaria

Além das aulas, como forma de avaliar e os alunos colocarem em prática o que teriam aprendido durante as aulas, surgiu a ideia de uma apresentação de um mini circo, onde os próprios alunos iriam apresentar e elaborar seus números. Com todas as questões resolvidas e organizadas, levamos o nosso projeto/planejamento para a coordenação pedagógica responsável pelos 4° anos. Onde foi reforçado algumas informações sobre a segurança dos alunos, a disponibilidade de materiais e que o projeto estava autorizado. A escola que realizei a residência foi o Colégio Tiradentes da Polícia Militar, eles são muito organizados com tudo que acontece na escola e os projetos que não estão programados no material didático, precisavam passar pela coordenação para autorização.

Assim, foi possível colocar em prática o planejamento. Realizamos as primeiras 4 aulas de acordo com o planejamento acima, mas durante as aulas foram surgindo alguns comentários, sobre atividades que possuíam mais interesse, se

seria trabalhado isso ou aquilo, a empolgação dos alunos e até mesmo um interesse da escola para a apresentação final. Diante disso, vimos a necessidade de uma nova reunião para repensar no planejamento. Algo muito importante na pesquisa-ação, identificar problemas e elaborar soluções quando possível. Agora, para o segundo planejamento, foi levado em consideração as opiniões dos próprios alunos, já que são essenciais nas mudanças necessárias, por terem uma participação ativa no desenvolvimento da pesquisa (Thiollent, 1986). Por meio de uma avaliação diagnóstica, no relato da aula terá mais detalhes de como foi feita, na terceira aula.

Na segunda reunião foi evidenciado os principais pontos comentados pelos alunos na avaliação diagnóstica e alguns pontos positivos e negativos observados nas aulas que já haviam sido realizadas. Além disso, foi preciso reorganizar a quantidade de aulas, devido a semana das crianças e uma semana especial de piscina que aconteceu na escola. Perante o exposto, perdemos dois dias de aulas com os alunos. Assim, o novo planejamento ficou o seguinte:

- 1° aula - Apresentar o projeto, conhecer os alunos e o que sabem sobre o circo.
- 2° aula - Introdução do contexto geral do circo e malabares
- 3° aula - Jogos com malabares
- 4° aula - Construção e uso do Diabolo
- 5° aula - Slackline e perna de pau
- 6° aula - Acrobacia suspensa
- 7° aula - Oficina bambolê
- 8° aula - Acrobacia coletiva
- 9° aula - Palhaçaria
- 10° aula - Mágica

Como pode-se observar, as mudanças ocorreram somente a partir da 5° aula, visto que as anteriores já haviam sido ministradas. O planejamento nos serve como um guia para saber quais temas problematizar com os alunos, trabalhar as possibilidades de pensar, ver, agir, dar significado de acordo com as práticas corporais realizadas (Neira; Nunes, 2020). Mas não deve ser algo que engesse a prática docente, criando obstáculos e dificuldades (Neira; Nunes, 2009). Visto que trabalhar em escola é estar em constantes situações de imprevisibilidade, principalmente quando são desenvolvidas atividades novas, como o circo. E mesmo

com a reorganização das atividades, surgiram algumas dificuldades, nos relatos das aulas vão ser expostos, que foram sendo resolvidas conforme necessários e dentro das possibilidades de tempo disponível.

É do conhecimento de muitos, que durante um bom tempo e até mesmo nos dias atuais, há uma construção social da infância inerente a ideia de déficit, de forma geral, que não fala, que não tem luz, não tem direitos políticos, entre outros... (Sarmiento, 2003). Mas nessa pesquisa, a criança não está ligada a essas ideias, muito pelo contrário, elas são produtoras de conteúdo, fazem história e produzem cultura, sendo ativos no seu processo de socialização (Milton; Moreira; Canhoto, 2014). Portanto, a estrutura geral das aulas foi definida da seguinte forma: roda de conversa inicial, para escutar o que já sabem e contextualizar de forma breve a importância e curiosidades sobre o tema da aula; atividade prática; roda de conversa final, dando espaço para que falassem o que gostaram ou não, se foram atingidos de algumas forma e observações que quisessem fazer.

Com todas as informações acima expostas, será relatado como foram as aulas, as bibliografias usadas de base para cada temática, as práticas corporais realizadas, problemáticas que surgiram, falar dos alunos, entre outros pontos que foram considerados relevantes para a pesquisa.

A primeira aula do projeto, não foi exatamente uma aula e sobre o circo, foi um dia para “reconhecimento de campo”. Observar os locais disponíveis para realizar as aulas, conhecer a turma e observá-los durante a aula ministrada pelo preceptor, assim foi possível analisar algumas questões sobre o comportamento da turma, características específicas e conseguir elaborar e adaptar cada aula da melhor maneira, quais as melhores abordagens e a forma com que já estão habituadas a trabalhar. Em apenas uma aula não é possível identificar tudo que é preciso sobre uma turma, mas já é de grande ajuda.

No início da aula me apresentei, expliquei o Projeto de Residência em que eu participava e que iria começar a acompanhar as aulas e ser a professora deles alguns dias. Ao final da aula, quando retornamos para a sala informei a eles sobre o projeto do circo que iria ser realizado e se eles concordariam em participar. Como as aulas de circo iriam ocorrer no horário normal de aula, de qualquer forma eles teriam que participar, mas convidá-los deu a sensação de que eles estavam inclusos nas decisões, tinham opção de escolha e todos na mesma hora concordaram muito animados de fazerem parte.

Foi explicado que a intenção desta aula era proporcionar a eles a experiência de vivenciar as atividades circenses, e dito isso, demos um pequeno espaço de fala para eles, sobre o que gostavam e conheciam no circo. Todos tinham algum comentário para fazer, mas algo que nos chamou atenção foi a associação imediata com o palhaço, de quase todos. E só afirma a fala de Coxe (1988), que os palhaços são e sempre foram um elemento essencial do circo. Além disso, fizeram comentários breves sobre as outras modalidades, mas enfatizaram muito as atividades circenses de maior risco e radicais, como o globo da morte, corda bamba do alto, atirador de facas... Os elementos mais espetaculares, que possuem maior risco, pois para muitos para algo ser interessante, deve ser espetacular, grande (Bortoleto, 2020).

Após que todos tiveram a oportunidade de falar um pouco, enfatizamos que trabalharíamos o que era possível dentro da escola e que pelo tempo que temos, não seriam todas as modalidades, mas mesmo assim se mostraram ainda muito animados. Orientei também que eles fossem ruminando o conteúdo do circo até a próxima aula, pesquisassem em casa por meio de redes sociais, vídeos, livros, filmes e afins para que nas próximas aulas pudessem interagir até de maneira mais ativa.

Na segunda aula fomos para a quadra, onde nos organizamos em círculo para a conversa inicial. Retomamos para o final da última conversa que havíamos tido, se eles haviam pesquisado sobre o circo, se encontraram alguma curiosidade. E em seguida fizemos uma pequena contextualização da história do circo. Contanto que os primeiros registros do circo no Brasil foram em 1830, mas que ele já estava presente na sociedade a anos. Que era um saber que se mantinha dentro das famílias tradicionais circenses, onde o circo era passado para os mais novos de forma geral, desde a prática das atividades circenses aos conhecimentos sobre a administração e manutenção do circo. Mas com o avanço tecnológico e industrial, isso teve que mudar e assim, começaram a surgir escolas de circo, fazendo com que todos pudessem ter acesso a esses conhecimentos, para práticas educativas, profissionais e como forma de lazer (Bortoleto, 2008).

E que nossas aulas iriam começar com atividades de manipulação, também conhecido como malabares. Foram realizadas perguntas sobre o que sabiam e se já haviam praticado. Nesse momento, ao mesmo tempo que ia deixando os alunos falarem, para termos um tempo considerável de prática também, o preceptor foi

distribuindo bolinhas de tênis de mesa para os alunos. Vários alunos já haviam tido a oportunidade de tentar, principalmente, com laranjas, mas que nunca conseguiam direito ou que era impossível. Diante dos comentários sobre ser “impossível”, perguntei com quantos elementos eles haviam tentado e a resposta foi a mesma, três.

Aproveitei a abertura a partir do comentário deles para falar mais sobre o malabarismo, que é caracterizado por ser habilidoso, artístico e possível de realizar com inúmeros materiais. Que apesar de não ser algo fácil, com prática era uma habilidade que todos eles podiam adquirir. Completando que iremos trabalhar nessa aula o malabarismo de lançamento, o mais conhecido, que seria o conjunto de ações que nossas mãos trocam objetos mediante lançamento-recepção (Bortoleto, 2008).

Optamos pelas bolinhas por ser um objeto mais fácil de manusear, o que iria contribuir de forma positiva para o sucesso da vivência. Ainda, seguimos o princípio de progressão pedagógica em termos de complexidade e dificuldade (Resende; Soares, 1997), começando com lançamentos mais simples, para depois uni-los e assim alcançarmos o objetivo (Bortoleto, 2008). Dessa forma, a primeira atividade proposta foi que apenas com uma bolinha jogassem de uma mão para outra, para cima e pegassem com a mesma mão para conhecerem o material, o peso, a velocidade em que ela subia e caía, a força necessária, entre outros.

Em seguida, que formassem duplas e cada dupla ficaria com 2 bolinhas. Nessa atividade foi pedido que jogassem a bolinha um para o outro, simultaneamente com uma mão e recepcionaram a bolinha arremessada pela sua dupla, com a outra. Logo, conseguiram perceber as dificuldades que possuíam com cada mão e a atenção necessária para executar o arremesso e já recepcionar a bolinha. Uma atenção extremamente importante para a execução dos malabares. Até então, surgiram poucas dificuldades e muitos comentários que estava até fácil, mesmo sendo um pouco mais difícil pegar com a mão sem ser a de domínio.

Feito isso, já estávamos encaminhando para o final da aula, então demos duas bolinhas para cada aluno, sem explicações de técnicas para executarem os malabares. Deixando-os livres para fazerem da forma como quisessem, desenvolvendo suas próprias técnicas e para se familiarizar com o domínio de dois objetos ao mesmo tempo. Para finalizar, fizemos uma roda rápida para saber o que eles acharam da aula, se conseguiram fazer com duas bolinhas e quais dificuldades

tiveram. Os comentários foram que ao final com as duas bolinhas, a turma estava bem dividida entre os que estavam conseguindo (da maneira deles) e os que acharam difícil. Algo muito legal que alguns comentaram/perguntaram é se na próxima aula eles poderiam tentar com três bolinhas, até mesmo os alunos que tiveram mais dificuldades estavam animados para a próxima aula.

A terceira aula a conversa inicial foi bem mais rápida que a da aula anterior, relembramos o que havíamos feito na última aula e que iríamos dar sequência nas atividades. Algo curioso da conversa inicial foi como uma turma ficou muito apenas na atividade que tinha sido realizada, enquanto a outra lembrou bastante do conteúdo teórico que foi apresentado, sobre a história do circo, os temas que poderíamos trabalhar e só então, falaram da atividade realizada. Começamos as práticas pela atividade final da aula anterior, mas agora com a instrução dos alunos a tentarem realizar os malabares em “chuveiro”, que seria tentando fazer com que as duas bolinhas seguissem uma trajetória mais ou menos circular, fiz uma demonstração para que compreendessem melhor o movimento. Assim que foi feita a explicação, pedi para que se espalhassem pela quadra, eu e o preceptor ficamos auxiliando e dando algumas dicas para os alunos que estavam com mais dificuldades. Após alguns minutos, começaram a surgir algumas variações, alunos correndo enquanto tentavam fazer os malabares, cruzando por baixo da perna e desenvolvendo técnicas que facilitavam sua experiência.

Diante dessas observações, pensei que era válido adicionar um grau de dificuldade. Chamei todos para o centro da quadra e dei mais duas opções de padrões para experienciar, a fonte e a cascata. A fonte, também conhecida como catarata, corresponde ao movimento com duas bolas na mesma mão e o objetivo é lançá-las em um movimento circular, arremessando e recepcionando com a mesma mão. O objetivo real é que somente uma bola fique na mão e o movimento aconteça com a mão direita e esquerda simultaneamente. Mas adaptamos para a realidade das habilidades das crianças, onde podiam recepcionar a bola e somente depois lançar a outra, mas tentando sempre fazer a troca de bolinhas. Como tínhamos bolinhas laranjas e brancas, isso facilitou a percepção deles de troca. E também, foi ensinado a cascata, nesse movimento uma bola passa para a outra e regressa a mesma mão, fazendo uma trajetória na diagonal, como se fosse um símbolo do infinito e comentamos que esse é o movimento que facilita a manipulação com três

bolas. Após a explicação, deixamos claro que podiam escolher quais dos padrões iriam “treinar”.

Eu e o preceptor continuamos andando pela quadra e auxiliando os alunos, alguns fizeram comentários que acharam mais fácil andando do que parado, outros pegaram o jeito mais rápido e já estavam até sincronizando os movimentos com os colegas, inventando outras variações e não intervimos, pois assim como na pesquisa realizada por Rodrigues, Prodócimo e Ontañón (2016), os jogos e propostas devem ser jogados e experienciados, de forma natural, as propostas realizadas não devem ser algo enrijecidas e fechadas. Enquanto alguns estavam com muita dificuldade, foi preciso que a gente desse um pouco mais de atenção. Para essa problemática pedi para que os que quisessem ajuda para realizar os movimentos viessem para perto de mim, expliquei novamente com mais calma, passo a passo dos movimentos e que poderiam tentar novamente somente com uma bolinha, se fossem se sentir mais confiantes para depois tentarem com duas. Os alunos que tiveram mais facilidade e vieram até nós pedir para tentar com três bolinhas, nós fomos deixando. Mas surgiram muitas perguntas sobre o que seria trabalhado na próxima aula, principalmente entre os alunos que estavam com dificuldades. Sugestões de atividades que não tínhamos no nosso planejamento e que eles estavam esperançosos de vivenciar.

O planejamento inicial era finalizar as atividades com corrida de malabares, antes da conversa final, mas como observamos que a maioria dos alunos estavam com bastante dificuldade e ainda muito entretidos tentando fazer os malabares, optamos por não propor essa atividade. Visto que nós, professores, não devemos nos iludir, fazendo exigências que ultrapassem as capacidades das crianças, visto que o foco deve ser a utilização das habilidades das atividades circenses de acordo com a equivalência motora dos mesmos (Bortoleto, 2008).

E devido os comentários e sugestões que surgiram, pedi para o preceptor que pudéssemos voltar para sala um pouco antes, para realizar a conversa final e pedir um favor a eles. E assim foi feito, ao chegar na sala propus que fizéssemos a conversa final diferente dessa vez, eu iria escrever três perguntas no quadro e eles deveriam anotar para me trazer respondidas na próxima aula. Dessa forma era possível fazer uma avaliação diagnóstica de como estava sendo para eles as aulas e o que eles esperavam para as próximas. Como já mencionado, eles são parte essencial da pesquisa e não queríamos que suas todas as expectativas não fossem

correspondidas, mas foi deixado claro que nem tudo o que o circo nos oferece poderá ser incorporado nas aulas (Duprat; Bortoleto, 2007). As perguntas foram as seguintes: o que mais estavam gostando do projeto; o que poderia ser melhorado nas aulas; quais atividades circenses gostariam de trabalhar nas próximas aulas. Com as perguntas respondidas, é possível saber o que esperam e fazer a reorganização do planejamento de uma forma que a maior parte dos alunos sejam atingidos e vejam que estão sendo escutados.

Mesmo sabendo que seria necessária uma reorganização do planejamento, a quarta aula foi ministrada de acordo com o planejamento inicial, até porque era nessa aula que iriam levar as perguntas respondidas, inclusive foram recolhidas assim que entrei na sala, antes de ministrar a aula. E de qualquer forma, a experiência de construção artesanal do seu próprio objeto de malabares circense era algo que não poderíamos deixar de realizar. Visto que essa atividade possibilita trabalhar diversos fatores associados à aprendizagem circenses, como: habilidades motoras, criatividade, socialização, interação; ademais a conscientização e valorização do objeto em si, econômico e o próprio empenho (Bortoleto, 2008).

Para a realização dessa atividade, o preceptor montou um bilhete para ser enviado aos pais alguns dias antes da aula, para que todos levassem o material necessário para a construção e passou nas turmas avisando também que lembrassem os pais de conferir o bilhete. Dito isso, foram necessários os seguintes materiais: 2 garrafas de plástico de 500ml, barbante, 4 palitos de dente, fita adesiva, cola quente e tesoura. Embora os materiais e o objeto construído fiquem diferente do original, para iniciantes é um bem interessante. Esses materiais nem sempre garantem uma execução perfeita, pelo peso ser menor, a falta do eixo de equilíbrio e a forma como são cortadas as garrafas podem dificultar o equilíbrio durante o manuseio. Mas são materiais de fácil acesso, baixo custo e a construção é feita de forma “rápida” (Bortoleto, 2008). Antes de realizarmos na aula, fiz um teste em casa, para ter certeza que daria certo e devido ao material muito leve, com apenas uma corda, como é o original, não estava sendo possível equilibrar as garrafas. Então a solução que encontrei, junto com o preceptor, foi de adaptar usando duas cordas. Ademais, foi possível analisar quais processos eram necessários para a construção e decidir como iria ser a linha de produção durante a aula.

Começamos a aula como de costume, conversa inicial sobre o que seria trabalhado, nesse dia os alunos estavam bem agitados e curiosos para saber como

aqueles materiais iriam se transformar em algo para fazerem malabarismo. Começamos explicando que nessa aula iriamos construir um Diabolô, que era um dos malabares de giroscópico, que corresponde a um objeto (as garrafas) que fica girando sobre si mesmo, de maneira que se mantenham em rotação em um ponto de contato (barbante) (Bortoleto, 2008). E que seria necessário a ajuda de todos para que fosse possível realizar a construção, então precisavam ficar muito atentos às orientações. Antes de colocarmos a “mão na massa”, expliquei todos os processos que iriamos realizar, que seriam: cortar o barbante do tamanho adequado, prendê-lo aos palitos, cortar as garrafas ao meio, colar e passar as fitas para unir a parte do bico das garrafas pela tampa. Com essas estampas finalizadas, seria só posicionar os barbantes nos locais certos da garrafa e o diabolo estaria pronto.

Como realizamos todas as aulas com as duas turmas, nesta aula a forma como demos sequência na atividade acabou sendo diferente entre elas. Visto que com a primeira turma foi possível observar que teria outra forma de organizar a construção para o melhor proveito do tempo, assim, foi colocado em prática com a segunda turma.

Primeira turma: Começamos explicando como cada um deveria descobrir o tamanho “ideal” do seu barbante (as cordas não possuem tamanho determinado, inclusive costumam ser maiores, mas adaptamos para facilitar), que correspondia à altura dos seus braços com os cotovelos dobrados em 90°, paralelo ao chão, até a altura dos joelhos. Nesse momento enquanto falava as instruções realizava o movimento junto, para que pudessem entender melhor. O preceptor ficou responsável de ir cortando os barbantes conforme fossem medindo e eu ajudando os que estavam com dificuldade. Aqui tivemos um problema com a quantidade de barbante, pois alguns não tinham a quantidade ideal, por sorte, a própria escola disponibilizou. Assim que todos estavam com os dois barbantes cortados, instruí que eles amarrassem os barbantes nos palitos, com cuidado, pois os barbantes depois de amarrados precisavam se manter do mesmo tamanho. Novamente, durante a explicação fui realizando o que deveria ser feito. Nesse momento muitos alunos tiveram dificuldades e foi preciso que eu e o preceptor ajudasse. Após finalizarmos esses passos, o que levou muito tempo e já estávamos encaminhando para o final da aula, passamos para as garrafas, o preceptor ficou responsável por cortá-las e eu, por uni-las, com um pouco de cola quente nas tampas e depois uma fita para

assegurar que não soltasse. Esse processo demorou mais do que estávamos esperando e para que todos pudessem experimentar brincar com o diabo, depois que alguns ficaram prontos, demonstrei para eles como fazia para equilibrar os malabares e pedi que fossem revezando. Enquanto isso, fomos finalizando a construção dos que faltavam.

Segunda turma: Antes de sairmos da sala para quadra, pedimos para os alunos que tivessem tesoura, levassem as suas, assim poderiam nos ajudar, participar ainda mais da construção e por ser as tesouras que eles mesmos já possuem, não tinha ponta, com pouquíssimo risco de acidente. Seguimos com a programação de conversa inicial como na turma anterior. Porém na hora de orientar a construção, falei que iria demonstrar todos os passos primeiro e que depois eles iam se dividir em dois grupos. Segui a mesma explicação em relação aos barbantes, sobre o corte da garrafa e a forma que iríamos unir as garrafas cortadas. Com as instruções e demonstrações feitas, avisei que o preceptor iria fazer os buracos nas garrafas com a tesoura de ponta e que os alunos deveriam finalizar o corte, os que estivessem sem tesoura, poderiam pedir emprestado para os colegas. Conforme fossem finalizando, poderiam levar até mim, para que eu fizesse a união das garrafas e se observassem que a fila estava grande, eles poderiam ir fazer o corte dos barbantes antes. Dessa forma, a construção se desenvolveu muito melhor, mais diabos ficaram prontos. Mas foi necessário que revessassem também para todos conseguirem experimentar durante a aula.

Nas duas aulas não conseguimos realizar a conversa final, infelizmente e nem finalizar todos os diabos. Diante disso, pedimos que todos deixassem na escola e na próxima aula poderiam levar para casa. Um ponto muito legal que pude observar foi a relação de pares das crianças nas duas turmas, a forma como se ajudaram a todo momento e vibravam ao ver algum dos seus colegas conseguindo equilibrar os malabares. Ademais, alguns alunos quando souberam que não levariam para casa naquela semana, logo falaram que iriam construir em casa novamente, foi algo que chamou minha atenção, pois pude ver que gostaram e que realmente haviam aprendido.

Com essa aula finalizamos as modalidades de malabares e foi possível identificar os benefícios que a prática dos malabares pode proporcionar, como o aumento da lateralidade, postura corporal, percepção espacial, controle da força nos lançamentos, melhora da agilidade para recepção e a auto superação (Werneck,

2015). Por meio da concentração que tiveram nas aulas para realizar os movimentos, as perguntas sobre o que poderiam fazer para melhorar, a felicidade ao acertarem e a evolução que vimos da primeira para a última aula.

Com as respostas em mãos, li todas com muita atenção para conseguir fazer análise de como estava o projeto até aquele momento, mesmo que com poucas aulas seria relevante. Primeiro foquei nas atividades que eles gostariam de trabalhar nas próximas aulas, fiz anotações das modalidades que surgiram e quantas vezes foram pedidas, dessa forma conseguiríamos ter uma noção do que não poderia faltar. Pontuei os comentários mais relevantes sobre o que poderia ser melhorado e estava dentro das nossas possibilidades de mudar. Já que alguns pedidos estavam fora do nosso alcance, como mais tempo de aula para as atividades ou o uso de materiais perigosos. Ademais, pontuei também os comentários sobre o que mais estavam gostando das aulas e do projeto em si.

Feito isso, realizei a reunião com o preceptor para realizarmos a reorganização do planejamento, agora além de levar em conta a temática proposta e os saberes que pesquisamos, também consideramos os pedidos, os comentários dos próprios alunos durante as aulas e nossas observações sobre tudo o que já tinha ocorrido. Reavaliamos se compensaria manter certas atividades, visto que as escolhas das habilidades circenses devem ser de acordo com a riqueza de sua equivalência, ampliando as experiências das crianças (Bortoleto, 2008). Ou se determinadas atividades seriam interessantes serem trabalhadas de forma simultânea com outras, visto que é algo muito presente nos espetáculos do circo.

Com o novo planejamento resolvido, decidimos avaliar um pouco do resultado das outras perguntas, além de pontuar alguns erros e acertos que tivemos nas aulas anteriores. Referente ao que poderíamos melhorar, na visão dos alunos, tivemos respostas que foram muito incentivadoras para mim, pois muitos responderam que não tinha nada a melhorar. Outrossim, tiveram alguns comentários sobre ter dinâmicas legais diferentes para os alunos com dificuldades e foi algo que realmente foi possível observar a necessidade durante as aulas. Respectivo ao que mais estavam gostando do projeto, com certeza, o que mais apareceu foi sobre a felicidade e animação que estavam sentindo em poder realizar um espetáculo no final do ano, após as aulas do projeto e que seriam responsáveis por montarem seus números. E um ponto importante foi ver o interesse que muitos possuíam de aprender sobre o circo, um em específico, usou a palavra “sonho”. Diante disso é

possível ver que o circo consiste numa arte capaz de revelar por meio do corpo todo um potencial de emoções, diálogos e tensões” (Duprat; Bortoleto, 2015, p. 3).

Para finalizar a reunião, conversamos sobre a estimativa de tempo que tínhamos pensado para a construção do diabolo, que não foi suficiente para realizarmos exatamente o que estava planejado, sendo preciso adaptar rapidamente; e foi de extrema importância para rever e tirar a construção da perna de pau, além do fator que alguns pais poderiam ter para conseguir o material. Para mais, evidenciamos que a estrutura geral das aulas estava sendo muito produtivas e que os alunos estavam sendo muito participativos. E diante dos resultados que tínhamos tido até o momento, com a nova organização, iriam ser ainda mais positivos e enriquecedores para os alunos.

Na quinta aula trabalhamos com o eixo das atividades circenses do equilíbrio, por meio das modalidades do slackline, que estaria representando a corda bamba e as pernas de lata para desenvolver as pernas de pau. Há séculos essas modalidades fazem parte da cultura e do universo do circo, apesar de também desenvolverem outras ações motrizes, o equilíbrio é predominantemente (Bortoleto, 2003). Assim que chegamos na quadra os alunos já ficaram muito entusiasmados, pois o slackline já estava montado, mesmo com as pernas de lata também expostas não gerou tanta curiosidade para eles. Então começamos nossa conversa inicial, perguntei se imaginavam o que iríamos trabalhar, pensando no circo e nos objetos que estavam na quadra. As respostas rapidamente foram corda bamba e perna de pau, alguns até comentaram que já tinham tido a experiência com as pernas de lata. Então de acordo com a contextualização dada acima sobre as modalidades de equilíbrio, falamos sobre o que seria trabalhado.

E em seguida, indaguei se sabiam o nome da fita que estava esticada entre a estrutura da rede de vôlei que representaria a corda bamba, nas duas turmas eles já haviam visto sobre essa prática, mas apenas em uma das turmas conseguiram lembrar o nome certo. Diante disso, abordei que o nome era Slackline e é uma modalidade esportiva criada recentemente, que tem suas origens da corda bamba e na escalada em montanhas (Pereira, 2013). O qual pode ser praticado de diferentes formas, em grandes alturas, sobre a água, fazendo manobras, acrobacias, entre outras. Mesmo colocando a fita em uma altura segura para eles, de forma que conseguiriam pular da fita sem riscos de se machucarem, muitos ficaram nervosos e perguntaram se teriam que ir sozinhos, se não estava muito alto, que não iriam

conseguir, entre outros comentários. Logo, explicamos que eles teriam o meu auxílio ou do preceptor a todo o momento, os alunos que não se sentissem confortáveis não precisariam vivenciar o slack e a forma como pular caso não conseguissem se equilibrar mesmo com a nossa ajuda, assim tentando desmistificar todo o risco que elas estavam enxergando.

Com as perguntas sobre o slack respondidas, partimos para a contextualização da perna de pau. Explicamos que perna de pau é o nome da modalidade que possui como propósito aumentar a estatura dos praticantes utilizando algum aparelho, na grande maioria das vezes, também conhecido como perna de pau. Mas há também outras possibilidades de aparelhos ou objetos que permitem essa modificação de estatura, inclusive nos dias atuais com tanta tecnologia e que na nossa aula, usaríamos as latas. E contei uma curiosidade, que além da utilização das pernas de pau dentro do circo, elas também podem ser utilizadas para diferentes trabalhos, durante muito tempo foram utilizadas para o controle de pastejo, para atravessar áreas pantanosas e que algumas empresas de limpeza, usavam como meio facilitador do trabalho.

Com a contextualização geral feita, dividimos as turmas em dois grupos, de forma que um iam fazendo a experimentação do slackline e o outro da perna de lata, dessa forma evitamos que os alunos ficassem muito tempo parados esperando pela sua vez. Finalizamos a aula sem a conversa final, visto que o tempo foi a conta de todos os alunos terem a vivência do slackline. De forma geral, as crianças tiveram facilidade com as pernas de lata, alguns já se arriscaram até a tentar correr e fizeram comentários que seria mais divertido se fosse mais alto. Já com o slackline a situação foi bem diferente. Todos tiveram dificuldades, em graus diferentes, mas foi algo unânime. Mas dentro do esperado, por ser uma atividade que exige e estimula a cinestesia (propriocepção) do praticante, além de muito treinamento, assim como a corda bamba (Bortoleto, 2008). O nervosismo e o medo eram visíveis, além dos comentários que faziam durante a travessia na fita. Algo muito legal foi que todos os alunos participaram, mesmo alguns sentindo muito medo, o momento em que terminaram de atravessar a fita a felicidade de terem se superado era impossível de esconder. Apenas um aluno não completou a fita toda e pediu para descer no meio.

Dois comentários foram muitos marcantes ao meu ver, o primeiro foi um aluno que nos primeiros passos começou a repetir a frase “eu vou conseguir” várias vezes, e quando estava próximo de concluir, mudou seu tom e falou “eu vou conseguir

mesmo”, a forma como ele mesmo estava tentando se convencer que conseguiria, mesmo que no fundo não acreditasse 100% que era capaz. E a todo momento, com ele e com as outras crianças, tanto eu quanto o preceptor estávamos sempre incentivando e reforçando que eles dariam conta. O outro, foi uma menina que quando estava no meio do trajeto, comentou que se sua mãe estivesse lá, já teria tirado ela da fita, por medo dela se machucar. E essa menina, foi uma das que teve menos dificuldade, com um ótimo equilíbrio para uma atividade que nunca tinha praticado. E esse tipo de fala só reforça a necessidade de levar para escola esse tipo de experiência, cultura, já que se dependesse do meio familiar dela, ela não teria acesso (Bortoleto, 2008).

Além da ação motriz do equilíbrio que as atividades circenses realizadas na aula proporcionam, elas também visam outros aspectos fundamentais da aprendizagem, como: a confiança, superação do medo de altura e do desconhecido, consciência de seus potenciais, resposta rápida de segurança e solução de problemas (Bortoleto, 2008). E de acordo com Pereira (2013), modalidades que exigem a capacidade de equilíbrio, praticadas de forma regular, podem melhorar a estabilidade postural do praticante, favorece o aumento de força muscular e os reflexos.

Um adendo importante antes de expor as aulas seguintes que possuem a acrobacia como temática, é explicar que a sequência que ocorreu não foi exatamente da forma que pretendíamos. Visto que seria mais interessante abordar a acrobacia solo antes das outras, já que essa é a base. Mas como dependíamos do bombeiro para a acrobacia suspensa e o preceptor já estava com outras atividades que precisaria dele nessa semana, optamos por manter assim.

A sexta aula foi sobre acrobacia suspensa, realizada no intuito de proporcionar uma experiência semelhante às atividades circenses aéreas para as crianças. Para realizarmos essa atividade foi necessário a ajuda do bombeiro para elaborar uma estrutura, de uma maneira que os pés dos alunos saíssem do chão e ficassem presos somente com as amarrações feitas pelo bombeiro no corpo das crianças. E assim foi feito, por meio de uma corda devidamente presa nas estruturas da quadra. Optamos por não ser nada absurdamente alto, para a segurança deles e até mesmo para que todos tivessem vontade de experimentar, visto que grandes alturas poderiam assustar as crianças e impedi-las de participar por medo. Quando chegaram na quadra, viram a estrutura e o bombeiro, já começaram as inúmeras

perguntas e comentários. Logo nos organizamos em roda, para nossa conversa inicial.

Comecei abordando que a temática principal das próximas aulas seriam as acrobacias, uma das modalidades artísticas mais antigas e que ela possui inúmeras possibilidades e aplicação, podendo ser de caráter individual e outras coletivas (Bortoleto, 2008). E que nessa aula iríamos ter a experiência da acrobacia suspensa, para representar as acrobacias aéreas do circo, que correspondiam a todas as práticas que o artista fica sem contato direto ou duradouro com o solo. Além disso, contei para eles que a primeira atividade circense aérea foi o trapézio, que surgiu do desejo de “voar” do homem e foi inspiração para o surgimento das outras práticas que conhecemos hoje (Dalmau, 1947). Evidenciei também que a suspensão poderia ocorrer de diferentes formas, por corda, tecido, entre outros, de modo que o acrobata realize truques, figuras, quedas e diversos movimentos acrobáticos (Bortoleto; Calça, 2007). Finalizamos a conversa orientando que fizessem uma fila e os alunos que estivessem com medo e sem coragem de ir, ficassem para o final, para verem seus colegas indo e como era tranquilo, divertido e seguro.

Muitos, mesmo próximos do chão, sentiram medo de soltar a mão e confiar nas amarrações que estavam em seus corpos, fomos incentivando e ajudando para que pudessem se sentir confiantes e soltassem as mãos sozinhos. Alguns alunos tiveram mais facilidade e comentaram que poderia ser até mais alto ou mais rápido, pois em alguns momentos balançamos eles, outros tentaram deitar aproveitando o balanço. Surgiram comentários sobre as amarrações apertarem um pouco e logo, associamos as dificuldades que os próprios circenses possuem, quando assistimos não imaginamos o que eles realmente estão passando e o que sentem/passam para estarem ali fazendo aquele espetáculo. Ademais, algumas crianças falaram que esperavam mais. Enquanto outras adoraram, relataram ter sido a melhor atividade sobre o circo até o momento, falaram que ficariam ali por vários dias, se sentiram livres como pássaros voando e até mesmo fadas. Uma relação comum quando pensamos na forma que a imaginação das crianças se desenvolvem, e como podem interpretar suas experiências de forma fantasiosa (Sarmiento, 2003).

A atividade não ocorreu da forma como eu e o preceptor havíamos idealizado, a amarração de segurança feita pelo bombeiro acabou limitando uma parte dos movimentos que os alunos poderiam ter, mas a segurança precisava estar em

primeiro lugar. E não tivemos a oportunidade de testar antes para ter uma média de tempo que seria necessário, nos pegando de surpresa no momento da aula, visto que a amarração de proteção levava um tempo para ser feita nos alunos, conseqüentemente não foi possível que todos os alunos fossem, nas duas turmas, já que isso não era uma problemática possível de resolução imediata. Mas de forma geral, acabou dando certo e aproximando bastante do nosso objetivo.

Para a sétima aula tínhamos programado de ser a oficina de bambolê, porém as artistas que iriam realizar a oficina pediram para remarcamos, o que acabou nos ajudando, visto que precisávamos finalizar a atividade de acrobacia suspensa com os alunos que não tinham ido nas aulas anteriores. Devido a quantidade de alunos que não conseguiram participar da atividade, foi preciso pedir ao bombeiro que montasse mais uma estrutura com corda, para que dois alunos fossem de forma simultânea. Ademais, no nosso horário de aula com uma das turmas, foi aplicado prova, então pedimos para que a professora responsável por essa turma, no horário respectivo ao do outro 4º ano, cedesse para gente, assim ficamos com os 49 alunos sob nossa responsabilidade para ministrar a aula. Dado que o bombeiro não teria disponibilidade para continuarmos outro dia. Sabia que com os 49 alunos, seria necessário encontrar outra dinâmica para a aula, já que metade já havia ido e a outra não, os alunos todos juntos, sem uma atividade para distraí-los, não iria dar certo. Então foi decidido trabalhar com eles a acrobacia solo, através de brincadeiras.

Eu e o preceptor nos dividimos e cada um foi buscar uma turma, deixando claro na sala que seria necessário a colaboração de todos para a aula, já que as turmas ficariam juntas. Chegando na quadra, deixei que ficassem na arquibancada mesmo do que em roda para a conversa inicial. Expliquei para os alunos que não conseguiram fazer a acrobacia suspensa, teriam a oportunidade de ir, mas antes de irem, precisavam participar dessa conversa para quando voltassem para a quadra, não ficassem perdidos com as atividades que iriam acontecer também. Informei a ele que além da acrobacia solo, iremos falar trabalhar a acrobacia solo e brevemente expliquei a importância da mesma, que ela pode ser considerada um ponto de partida para a formação e preparo dos circenses de forma geral, o artista que sabe acrobacia possui maiores chances de entregar para o público, números cada vez melhores. E que chegou ao Brasil através do circo e só era praticada por

artistas, depois que foi intencionada como esporte e foi introduzida no mundo educativo que outras pessoas começaram a praticar (Bortoleto, 2008).

Então expus as atividades que iríamos realizar, primeiro seria um alongamento para preparar o nosso corpo para as atividades que seriam realizadas. Visto que o alongamento é a realização de movimentos articulares, visando a manutenção da flexibilidade, além de prevenir o corpo de lesões e prepará-lo para atividades específicas (Dantas, 2005). Em seguida, realizaríamos um pique gelo, mas a pessoa colada deveria ficar em alguma posição que faz parte das acrobacias e para ser descongelado, o amigo deveria parar ao lado e reproduzir o movimento. Tal qual, para finalizar a aula um pedra, papel e tesoura diferenciado. Em duplas deveriam ficar em cima de alguma linha da quadra, de frente um para o outro, com um pé atrás do outro e o pé da frente colado com o pé da frente do colega. Posicionados, iriam realizar o pedra, papel e tesoura, quem ganhar coloca o pé da frente para trás do pé que estava atrás e o colega da frente escorrega o pé até ficar em contato com o pé do colega novamente, sem apoiar em nada, perderia caso a pessoa desequilibrasse e acabasse caindo. Durante a explicação, fui realizando os passos para que pudessem visualizar e entender melhor o que deveria ser feito.

Com tudo esclarecido, pedimos que 10 alunos que não tivesse feito a acrobacia suspensa fosse até o local que estava sendo realizado, e conforme fossem voltando os outros alunos que não tiveram experiência iriam indo. O restante ficou na quadra. Destarte, foi possível iniciar a aula, fiz alongamento básicos com eles e durante esse momento, muitos comentários que estavam acostumados a fazer isso ou que já haviam feito esses movimentos em academias, aulas de lutas, entre outros. Alongamento concluído, fizemos o pique gelo adaptado. Devido a quantidade de alunos, para movimentar e não “sobrecarregar” só um aluno, a primeira rodada foram com 3 pegadores e a segunda, com 5 pegadores. Nessa atividade as crianças se empenharam muito, não foi preciso ficar chamando atenção para que executassem certinho as figuras para descolar os colegas e outras problemáticas, surgiram inúmeras figuras e movimentos diferentes, o imaginaria infantil e a relação das crianças com o mundo chega a ser surpreendente (Sarmiento, 2003).

Com o corpo aquecido e já mais cansados, passamos para a última atividade. Essa por exigir mais flexibilidade e um pouco de equilíbrio, não teve tanto sucesso e empolgação geral como a atividade anterior. Mas muitos gostaram bastante,

pedimos que trocassem de duplas conforme fossem se desequilibrando e caindo. Não realizamos a conversa final, devido a quantidade de crianças. Porém como a sequência da aula é a acrobacia coletiva, retomaremos o assunto na próxima aula. E mesmo com os contratempos com os horários, felizmente conseguimos finalizar a acrobacia suspensa.

A nossa oitava aula foi sobre acrobacia coletiva e de finalização sobre as acrobacias. Fomos para a quadra para realizarmos nossa conversa inicial, comecei retomando em tudo que havíamos visto nas aulas anteriores de acrobacia, poucos alunos fizeram comentários sobre as questões teóricas que foram vistas, mas em relação às atividades realizadas tiveram muitos comentários. Assim, falei que a acrobacia que iríamos ver era a coletiva e se eles sabiam o que era isso, alguns responderam de forma óbvia, que seria a acrobacia com muita gente e outros que eram aquelas onde eles ficavam um em cima do outro, entre outros nesse mesmo sentido. Dito isso, aproveitem os comentários, que estavam certos e que essas acrobacias também eram conhecidas como “pirâmides”, eram realizadas com duas pessoas ou mais e tinham como base a prática da acrobacia solo, facilitando o processo e aprendizagem (Bortoleto, 2008). Abordei sobre a infinidade de movimentos que podem ser realizados e que iriam fazer alguma mais básicas, mas para isso era preciso que eles tivessem muito cuidado com o colega, respeito, diálogo e confiança, já que para a realizar todos os movimentos eles precisam um do outro e uma atitude de mal gosto, poderia machucar o amigo.

Assim antes de irmos para a prática, expliquei para eles que em alguns movimentos cada pessoa poderia ter uma função específica e que elas variavam de acordo com a estatura e capacidade físicas. A base, seria a pessoa que suporta o outro, sendo um grande responsável pelo colega. Normalmente são pessoas maiores e com mais força, já que tem que aguentar o peso do colega. O volante é a pessoa sustentada, exige menos força, mas deve possuir uma boa técnica para não machucar a base. Precisa ser corajoso e ter confiança na base. E por fim, temos os intermediários, corresponde a pessoa que ajuda a suportar, proteger os outros e pode ser o meio de uma pirâmide. Normalmente precisa ser versátil, pois pode exercer as duas funções acima. Ademais, expliquei as três pegadas que iríamos utilizar, que foram: pegada de munheca, que os alunos se seguram um pelo pulso do outro; pegada de cumprimento, como se fosse um aperto de mão; pegada cruzada, que é a pegada de cumprimento com os braços cruzados (Bortoleto, 2008).

Como de forma geral as crianças não possuem muita flexibilidade, força muscular e técnica, selecionamos figuras mais básicas, que são realizadas com números de maior apoio, em menos altura e sobre superfícies amplas e estáveis, no nosso caso, o chão. Em geral, formatações com duas pessoas, por serem mais fáceis e com montagem e desmontagem rápida (Bortoleto, 2008). Dessa maneira, evitando o risco de machucar, principalmente porque não conseguimos realizar a aula em um local que tivesse tatames. Seguindo as explicações, fizemos um alongamento, o mesmo já realizado na aula anterior e um exercício de força em dupla, para perceberem a importância do trabalho em equipe. O exercício era o sincronismo, que é o seguinte: em duplas, orientamos que escolhessem colegas de estatura semelhantes para facilitar a execução de todas as práticas, sentariam de costas um para o outro, entrelaçando os braços. O desafio é que a dupla se levante sem apoiar as mãos no chão, utilizando como apoio apenas o corpo do outro colega (Bortoleto; Pinheiro; Prodócimo, 2011). Eles adoraram essa atividade e tiveram muito mais facilidade do que imaginei, pediram para trocar de duplas e como estavam com facilidade, autorizei já que estava dentro do tempo. Após repetirem algumas vezes, pedi que voltassem para suas duplas iniciais para prosseguirmos.

Eu e o preceptor fizemos as três posições iniciais, muito básicas e sem riscos, explicando como fazia e deixamos com que executasse sozinho, enquanto fomos auxiliando quem estava com dificuldades. Depois que todos conseguiram as primeiras, enfatizamos o cuidado que deveriam ter para a próxima e que só deveriam realizar quando eu ou o preceptor estivéssemos com eles, servindo de intermediário para ajudá-los. Dito isso, fizemos a demonstração enquanto explicamos o passo a passo, agora com uma figura com um pouco mais de dificuldade, já que seria necessário que um aluno sustentasse o outro. Os alunos que conseguiram com nosso auxílio de forma tranquila, deixamos que ficassem fazendo sozinho; mas alguns tiveram muita dificuldade, até mesmo com nosso suporte. Antes de encaminharmos para o final da aula, juntamos todos os alunos no centro da quadra para fazermos as famosas pirâmides com mais de quatro pessoas, nesse momento explicamos para todos como seria e perguntamos quem queria participar, com os alunos que se sentiram à vontade, analisamos quem ficaria melhor nas bases, de volantes e intermediário. Fizemos diferentes pirâmides com os alunos, para que pudessem ter a noção das diferentes possibilidades que podemos construir com nossos corpos. Os alunos que não quiseram participar, o que foram

poucos, ficaram bem animados olhando e até dando dicas para os amigos que estavam executando os movimentos.

Vimos uma grande diferença entre as turmas nessa aula, uma turma teve mais facilidade e até uma certa independência para as práticas, enquanto a outra, as atividades não fluíram tanto, tiveram dificuldade não só na hora de executar os movimentos, mais se assimilar as instruções do que deveria ser feito. Tanto que foi possível realizar mais figuras com uma turma do que com outra. Algo que negativo dessa aula, foi que vimos, que além das dificuldades, alguns alunos estavam com medo de caírem e acabarem se machucando. O que talvez poderia ter sido amenizado se tivéssemos feito em um local adequado com tatames. Mas mesmo com essa intempérie, a aula foi muito proveitosa e divertida.

A acrobacia coletiva contribui no desenvolvimento das relações interpessoais, da ritmicidade, responsabilidade, confiança e compromisso, além dos seus benefícios para o vocabulário motor e corporal, melhora nas capacidades físicas e nas habilidades motoras básicas (Bortoleto, 2008).

Nossa penúltima aula de circo foi sobre palhaçaria. Não ocorreu exatamente como queríamos, mas calhou de nos ajudar, de certa forma. A quadra estava ocupada para um evento da escola, então foi preciso ficar na sala. Mas como era necessário organizar o que cada aluno iria fazer na apresentação final do circo no final do ano, para que pudessem ensaiar, usamos essa aula para separá-los. Entretanto não deixamos de passar para eles algo sobre esse universo lindo e alegre dentro do circo. Assim que cheguei na sala, já alertei que hoje não iríamos para quadra, para evitar ansiedade e falta de atenção no que seria realizado. Falei todo o roteiro da nossa aula, que iremos falar um pouco sobre o universo dos palhaços, que passaria uma atividade para fazerem em casa e ao final iríamos separar os números do espetáculo, e perguntei se tudo bem, para se sentirem inclusos nas decisões tomadas, todos concordaram tranquilamente e assim foi feito.

Comecei perguntando o que sabiam sobre palhaços e as respostas foram imediatas, alguns falaram do nariz vermelho, outros, que fazem piadas e alguns comentaram sobre ter medo, pois quando pensam em palhaço logo associam com palhaços assassinos. Aproveitei a brecha, nas duas turmas e falei que o palhaço que iríamos trabalhar era longe desse de terror, o que deveríamos focar a aprender era o palhaço que tem como foco nos tirar risos de alegria. E que o palhaço é e sempre foi um elemento essencial do circo (Coxe, 1988). Tanto que dentro do circo o

estudo sobre o universo da palhaçaria é necessário para todos os artistas, para que se tornem um artista mais completo, compreendendo a parte técnica e criativa do mundo do circo. A partir de procedimentos técnicos e criativos próprios desse universo, a criação da personagem palhaço, é experimentada e levada ao picadeiro em forma cômica sendo a gestualidade, a memória, a imaginação, a improvisação, uma das principais fontes de criação e construção cênica do palhaço.

Discorri também sobre a criação dos aspectos fisionômicos de suas maquiagens, que representam elementos culturais de suas tradições, suas expressões fisionômicas e são ricas em detalhes e técnicas individuais de cada um. Ademais, falei da existência de três palhaços com características e objetivos diferentes existente no circo, o palhaço excêntrico, o clown e o tony spoiré. O palhaço excêntrico é o mais querido e conhecido da plateia, é o que conta piada, faz entradas cômicas, fala bastante, é desajustado, bobão e muito simpático. Já o clown é poderoso, usa roupas belíssimas, com brilho, bonitas e tem que ser sabido, mostrar para o público que é inteligente; tem nariz empinado e é mais antipático e impaciente com o excêntrico, apesar de ajudá-lo. Já o tony, é o intermediário, ajuda em cenas de conflitos dos anteriores e é versátil durante o espetáculo, entra para distrair o público entre as mudanças de cenas e por isso sabe um pouco de tudo do circo, malabares, acrobacia, etc. (Bortoleto, 2008).

Feita essa pequena contextualização sobre o universo da palhaçaria, expliquei a atividade que deveriam fazer, uma máscara de como seria a maquiagem que lhes representaria. Que deveriam analisar quais dos palhaços combinavam mais com eles e quais elementos, cores, poderiam representar lhes representar. Essa atividade seria realizada em casa, para poderem fazer com calma e utilizarem toda a sua criatividade com diversos materiais. E pedi que fizessem com muito carinho, pois seria utilizado no dia da apresentação do circo. Após a explicação da atividade e todas as dúvidas esclarecidas, fizemos as separações para o espetáculo.

O universo da palhaçaria é rico de uma cultura e linguagem própria, que pode proporcionar o desenvolvimento da postura corporal, sensibilidade, agilidade, imaginação e improvisação. Esses saberes proporcionam para todos os artistas o reconhecimento das suas virtudes físicas, mentais e emocionais (Bortoleto, 2008).

A nossa décima e última, para finalizar as aulas sobre circo, seria de magia. Mas como já foi citado anteriormente, a oficina de bambolê não ocorreu na data prevista e conseguimos remarcar para essa. Foi preciso analisar qual aula seria

mais vantajosa e para isso, voltamos na análise que tínhamos feito com a respostas da avaliação diagnósticas realizada com os alunos e o bambolê tinha sido mais citado que a mágica, logo, optamos pela oficina. A oficina foi realizada por duas artistas circenses bambolistas. Elas iniciaram a aula se apresentando, fazendo um “passa bambolê” para que os alunos falassem seus nomes e o que mais gostavam dentro do circo. Em seguida, realizaram um alongamento rápido com as crianças, para que já ficassem prontas para a experimentação após a apresentação breve que tinham preparado para os alunos, que ficaram encantadas com a coreografia manuseando bambolês. Finalizaram a apresentação com uma espécie de “borboletinha”, usando os bambolês para representar suas asas. Assim, já engatilhando na atividade que tinham programado, que seria a experimentação da borboletinha e ao mesmo tempo, conforme fossem terminando de fazer, poderiam ir com a outra professora que estava ensinando diferentes truques de manusear os bambolês.

Ao finalizarem a apresentação, perguntaram quem queria aprender aquele truque da “borboletinha” e nesse momento vimos uma diferença entre as turmas, na primeira, somente algumas pessoas foram para a fila do movimento realizado ao final do número, alguns foram direto para o espaço dos diversos truques. Enquanto na segunda turma, todos os alunos tiveram a curiosidade de experienciar. Ao final fizeram uma pequena propaganda do trabalho que realizam com confecções de bambolês e para nossa surpresa, muitos alunos ficaram animados com a possibilidade de terem um bambolê, nos mostrando que a oficina realmente os afetou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda a pesquisa realizada vimos o quanto o circo se desenvolveu ao longo dos anos e a maneira como vem ocupando cada vez mais espaços na nossa sociedade. E a escola, um local onde possui tantas gretas, em muitas situações pelos próprios professores (Bortoleto; Silva, 2017) e responsabilidades com a formação das crianças, não estaria fora disso. Principalmente quando falamos sobre as aulas de Educação Física, que possui o corpo como centro de suas práticas e saberes. O circo possui uma amplitude, diversidade de motricidade e formas de expressão corporal, com um valor educativo (Invernó, 2003) tão importante para a cultura corporal, que não apresentar esse universo de conhecimentos aos alunos é inadmissível.

Seria muita ignorância da minha parte dizer que trabalhar com essa temática nas aulas de EF é algo fácil e simples. Em minhas pesquisas, assim como Ontañón, Duprat e Bortoleto (2012) já falaram, existe muito romantismo pedagógico, principalmente pelo circo ser visto como um mundo de alegria e encantamento. Na prática vemos que esse lado existe, nas vitórias dos alunos, na alegria deles brincando e vivenciando as experiências que as atividades circenses proporcionam. Entretanto, assim como nos circos, existem muitas questões que se prolongam por mais de um século por trás das “lonas”, que ainda causam tensões e entendimento contraditórios em relação ao seu ensino nas aulas de EF (Ribeiro; Cardani; Rodrigues; Bortoleto, 2021).

O circo já é realidade em uma parte das escolas brasileiras, mas há muitos obstáculos que o distanciam da grande maioria, prejudicando todo seu potencial educacional corporal, artístico e estético (Rodrigues; Melo; Mazzeu; Bortoleto, 2021). Apesar de toda a dimensão de temas que podem ser abordados dentro do conteúdo do circo, muitas práticas exigem materiais certos, uma estrutura adequada, e profissionais qualificados para que os alunos tenham uma experiência completa, ou mais próxima da realidade possível. Principalmente quando todos os fatores acima são escassos nas escolas, exigindo uma maior adaptação das atividades. É de extrema importância evidenciar isso, já que nesta pesquisa tive muita colaboração da escola em relação a parte prática, da disponibilidade de materiais, uma ótima estrutura, envolvimento dos pais quando foi necessário e a participação ativa de

todos os alunos envolvidos, sendo extremamente importante para o sucesso das aulas ministradas.

É importante ressaltar a questão de determinadas práticas circenses serem necessárias profissionais qualificados, as aéreas são uma delas, além da dificuldade de aquisição, uso seguro e manutenção dos aparelhos adequados, o que acaba sendo um alibi para não desenvolver essas atividades nas aulas (Rodrigues; Melo; Mazzeu; Bortoleto, 2021). Até para a segurança dos próprios alunos, como tivemos a ajuda do bombeiro, sem ele não teríamos a oportunidade de proporcionar essa experiência. Outrossim, a necessidade do interesse pessoal do professor para estudar esses saberes, já que na formação de Educação Física, em relação ao circo, é insuficiente (Bortoleto, 2011), apesar de ser um saber que remonta a séculos na sociedade, no universo acadêmico é um objeto de estudo recente (Ribeiro; Cardani; Rodrigues; Bortoleto, 2017).

E para que as crianças tenham uma experiência significativa, é preciso saber muito mais do que a prática em si, brincadeiras e jogos que envolvam atividades circenses. É preciso que os temas trabalhados sejam contextualizados de forma histórica e conceitual, problematizados com as questões político-sociais e assim, junto com a prática criar saberes importantes para a cultura corporal dos alunos. E algo que poderia colaborar com os professores de EF é a produção de conhecimentos científico-pedagógicos sobre o circo, para que suas práticas possam ter embasamento em conhecimentos solidificados (Rodrigues; Melo; Mazzeu; Bortoleto, 2021).

Apesar de durante a pesquisa ter visto que as temáticas poderiam ter sido trabalhadas de forma muito mais aprofundada, caso tivesse mais tempo, vi o quanto foram proveitosas, tanto para a minha formação profissional quanto para o desenvolvimento dos alunos. Não poderia dizer em relação ao desenvolvimento que as atividades circenses proporcionam em questões motoras e físicas, já que tivemos pouco tempo para que essas sofreram mudanças significativas. Porém em relação às experiências, a descoberta de novas possibilidades de expressão, conhecimento do corpo e das emoções, foram gritantes. A forma como vimos que esses conhecimentos eram importantes e faziam sentido para eles, fez todo o esforço e estudo valerem a pena. Dado que, esse é o objetivo que nós, professores de Educação física, procuramos, ou deveríamos procurar em nossas aulas, contribuir para a cultura corporal como um todo e não formar atletas e artistas profissionais.

Mas é indiscutível que o circo em relação ao seu processo pedagógico, principalmente para o espaço escolar, ainda carece de análises específicas (Bortoleto, 2008), mesmo com o aumento significativo de produções acadêmicas (Cardani; Ontañón; Rodrigues; Bortoleto, 2017). Algo que fica notório quando se olha a lista de referências desse trabalho. Foi preciso muita pesquisa e estudo para se conseguir um aporte teórico e base sobre os saberes das modalidades em níveis básicos do circo, visto que as específicas nem foram abordadas. Dado que o intuito é a inclusão de todos nas atividades e contribuir para os conhecimentos sobre a cultura típica do Circo (Rodrigues; Prodócimo; Ontañón, 2016). Além de criatividade, para elaborar e adaptar atividades que fossem compatíveis com a idade dos alunos.

Dessarte, após todo o exposto e considerações, é possível responder a pergunta feita ao início desse trabalho: sim, é possível trabalhar as atividades circenses na Educação Física. Não na mesma espetacularidade e grandeza que vemos nos espetáculos, mas é possível levar um pouco desse universo para nossas aulas. Creio, da mesma forma como Bortoleto já afirmou (2019) que o crescente desenvolvimento que os saberes circenses vêm tendo, suas orientações pedagógicas específicas vão ter amplas contribuições para a EF, sendo uma ótima alternativa às atividades tradicionais.

REFERÊNCIAS

BADARO, Ana Fátima Viero; SILVA, Aline Huber da; BECHE, Daniele. Flexibilidade versus alongamento: esclarecendo as diferenças. **Saúde**, Santa Maria, v. 33, n. 1, p. 32-36, 2007.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. A perna de pau circense: o mundo sob outra perspectiva. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 125-133, dez. 2003.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. **Caderno de Formação RBCE**, v. 2, n. 2, p. 43-55, jul. 2011.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CALÇA, Daniela Helena. Circo e Educação física: compendium das modalidades aéreas. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 8, n. 11, p. 345-360, dez. 2007.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; MACHADO, Gustavo de Araujo. Reflexões sobre o circo e a educação física. **Revista Corpoconsciência**, São Paulo, v. 2, n. 12, p. 36-69, 2003.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PINHEIRO, Pedro Henrique Godoy Gandia; PRODÓCIMO, Elaine. **Jogando com o Circo**. Várzea Paulista: Fontoura, 2011. 160 p.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; SILVA, Erminia. Circo: Educando entre as gretas. **Revista Rascunhos: Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 104-117, jul. 2017.

CARDANI, Leonora T.; ONTAÑÓN, Teresa Barragán; SANTOS, Gilson Rodrigues; BORTOLETO, Marco A. C. Atividades circenses na escola: a prática dos professores da rede municipal de campinas-sp. **Ciência e Movimento**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 128-140, out. 2017.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COXE, Anthony Hippisley. Nacimiento de un arte: el circo comenzó a lomos de un caballo. In: UNESCO – EL CORREO. **El circo: un espectáculo del mundo**. n. 1, 1988.

DANTAS, Estélio H. M. **Alongamento e flexionamento**. 5. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Educação Física Escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan. 2007.

EHRENBERG, Mônica Caldas; MIRANDA, Rita de Cassia Fernandes; CARBINATTO, Michele Viviene. Nos entrelugares das práticas corporais: circo e ginástica em tempos de pandemia. In: VIEIRA, Rubens Antonio Gurgel (org.). **Desafios Pandêmicos: a educação física frente à crise**. Belém: RFB Editora, 2022. Cap. 9. p. 132-147.

GALLARDO, Jorge Sergio Pérez (org.). **Educação Física Escolar: do berçário ao ensino médio**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. 134 p.

INVERNÓ, Josep. Circo y Educación Física: Otra forma de aprender. **Barcelona: Inde Publicaciones**, 2003.

KOHAN, Walter Omar. A infância da Educação: o conceito devir-criança. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 31 de dezembro de 2005. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/a-infancia-da-educacao-o-conceito-devir-crianca>.

LIMA, José Milton de; MOREIRA, Tony Aparecido; LIMA, Márcia Regina Canhoto de. A sociologia da infância e a educação infantil: outro olhar para as crianças e suas culturas. **Revista Contrapontos**, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 95, 6 jun. 2014. Editora UNIVALI. <http://dx.doi.org/10.14210/contrapontos.v14n1.p95-110>.

MANSUR, Márjori; VILARINHO, Rodrigo; FERRAZ, Julio César; ROCHA, Marcel; MADUREIRA, Fabrício. Influência do malabarismo na aprendizagem, resposta ao estímulo visual e memória de idosos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 6, n. 3, p. 87-92, 2007.

NARODOWSKI, Mariano. Infância e Poder: a conformação da pedagogia moderna. 1993. 231 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

Sánchez, Álvaro Palominos; Collao, Daniela Díaz; Doñas, Alex Carreño; Navarro, Victor Soto. **Pedagogía del Malabarismo. Herramienta educativa de potencia el desarrollo integral**. Chile: Proyecto financiado pelo Fondo Nacional de Desarrollo Cultural y las Artes. FONDART, 2018.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari (org.). **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. São Paulo: Feusp, 2022. 176 p.

ONTAÑÓN, Teresa; DUPRAT, Rodrigo; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Educação Física e atividades circenses: "O estado da arte". **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 18, n. 2, jun. 2012.

ORFEI, Alberto. **O circo viverá**. São Paulo: Editora Mercuryo Ltda, 1996.

PEREIRA, Dimitri Wuo. Slackline: vivências acadêmicas na educação física. **Motrivivência**, [S.L.], n. 41, p. 223-233, 26 nov. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2013v25n41p223>.

PINTO, Manuel. **A infância como construção social**. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças contextos e identidades. Braga: Universidade do Minho. Centro de Investigação em Estudos da Criança (Ciec), 1997. p. 33-73.

RESENDE, Helder Guerra de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; XXIII, Corpo Docente de Educação Física do C. João. Elementos constitutivos de uma proposta curricular para o ensino-aprendizagem da educação física na escola: um estudo de caso. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, p. 26-35, ago. 1997.

RIBEIRO, Camila da Silva; CARDANI, Leonora Tanasovici; RODRIGUES, Gilson Santos; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O "não lugar" do circo na escola. **Revista Portuguesa de Educação**, Campinas, v. 34, n. 1, jul. 2021

RIBEIRO, Camila da Silva; CARDANI, Leonora Tanasovici; RODRIGUES, Gilson Santos; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Diálogos circenses: a construção de uma linha de pesquisa na pós-graduação em educação física. **A Produção do Conhecimento e A Educação Física no EM**, Campinas, p. 116-117, nov. 2017.

RODRIGUES, Gilson Santos; MELO, Caroline Capellato; MAZZEU, Thaísa Rittmeister; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Atividades circenses na Educação Física escolar: **Educação Física e esporte**: análise sistemática da produção bibliográfica (2016-2020), Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, p. 167-173, dez. 2021.

RODRIGUES, Gilson Santos; PRODÓCIMO, Elaine; ONTANÓN, Teresa. "Circo Coragem": o jogo como estratégia de ensino das atividades circenses. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 27, n. 1, p. 147-164, abr. 2016.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Edições Asa, 2004. p. 9-34.

SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Edições Asa, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 21, p. 51-69, jul. 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho. Centro de Investigação em Estudos da Criança (Ciec), 1997. p. 9-30.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEIA, Maria Cristina Soares de. **Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39.

SOARES, Carmen L. Acrobacias e Acrobatas: notas para um estudo do corpo. In: BRIHNS, Heloisa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luis (org.). **Representações do Lúdico**. Campinas, 2001. p. 33-42.

TUCUNDUVA, Bruno Barth Pinto; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O circo e a inovação curricular na formação de professores de Educação Física no Brasil. **Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 25, 27 out. 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.88131>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/88131>. Acesso em: 15 nov. 2023.

WERNECK, Julyanna Neiva. **Reflexões sobre processo de ensino-aprendizagem nas artes da Iona**. 2015. 40 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Cênicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.